

## CAPARIDE AO TEMPO DOS ROMANOS

JOSE D'ENCARNAÇÃO  
GUILHERME CARDOSO

A povoação de Caparide (freguesia de S. Domingos de Rana, concelho de Cascais) tem fundação antiga. Já J. Diogo Correia, na esteira do Abade de Miragaia, chamara a atenção para a origem etimológica do seu nome: o termo latino *capparis*, alcaparra (1).

Essa é também a abalizada opinião do Prof. Joseph M. Piel:

«Trata-se de um derivado, normal em nomes de plantas e árvores, em *ÉTUM*, no nosso caso \**CAPPAR-ÉTUM*, colectivo. A forma *Caparide* não pode deixar de ascender à época latina, pois apresenta duas anomalias formais, próprias do romance moçárabe: o *i* de *e*, resultante da metafonía provocada pelo *u* final de *ÉTUM*), antes de esta vogal se ter atenuado em *e*, fenómeno característico dos topónimos latinos que sofreram o ascendente de uma pronúncia árabe. Podemos, pois, admitir sem hesitação a existência já latina de um fitónimo \**CAPPAR-ÉTUM*, tornado nome de lugar».

Caparide seria, pois — como o sufixo *ide* (do latino *itus*) indica — local abundante em alcaparras, apreciado condimento ainda em nossos dias.

Mas, como se não bastasse a origem etimológica do topónimo a atestar a ocupação do local ao tempo dos Romanos,

outros vestígios arqueológicos se têm encontrado — e outros decerto haverá.

Dentre esses vestígios avultam, pela sua importância documental, os epitáfios que surgem gravados em monumentos curiosos, típicos da área de Lisboa (2): semi-cilíndricos, lisos, feitos no calcário lioz da região, com o texto funerário gravado num dos topos. Ostentam geralmente um soco, que assentava sobre a sepultura, como se pode ver num exemplar completo existente no Museu de S. Miguel de Odrinhas, perto de Sintra (3). Chamamos-lhes *cupas*, enquadrando-os assim numa vasta família estético-cultural que abarca, no território português, a zona da antiga Lusitânia (4); mas há quem os designe por *cipos* ou *tampas de sepultura cupiformes* (5); e, apesar de toda uma literatura que pretende relacionar a tipologia destes monumentos com as religiões orientais ou com determinados estratos da população (6) — o certo é que preferimos ver aí mais uma moda estética, haurida sem dúvida num modelo comum, com variantes regionais, do que a manifestação material duma concepção religiosa ligada, ou não, a meios determinados do agregado populacional que a viu nascer e a adoptou (7).



Foi Leite de Vasconcelos quem, por primeiro, deu a conhecer duas *cupas* achadas em Caparide (8). Uma delas estava anepígrafa, isto é, não tinha já inscrição; a outra, cujo paradeiro ao que sabemos ainda se ignora, era o epitáfio de Lúcio Júlio Fusco, mandado fazer pela filha, Júlia Festa (9). Por se omitir a filiação do defunto e porque ele parece não ter sido inscrito na tribo Galéria — da região — julgamos estar perante uma família de indígenas que ascenderam à cidadania romana, embora não detivessem todos os direitos: pertenciam, decerto, ao número dos chamados *peregrini*. E porque o texto é muito simples, sem a invocação aos deuses Manes (que mais tarde encabeçará por hábito os epitáfios) e sem a fórmula final S. T. T. L. — *sit tibi terra levis*, «que a terra te seja

leve» —, consideramo-lo datável do séc. I da nossa era. De resto, *Olisipo* (a Lisboa romana) é fundada exactamente nos primórdios do Império, recebendo o nome de *Felicitas Iulia*; daí não admirar que uma família indígena, ao assumir a cidadania, receba precisamente como gentílico o nome *Iulius*, que o pai transmitiu, como era de uso, à filha.



Será Rosa Capeans quem, muito mais tarde, em 1956 <sup>(10)</sup>, dará a conhecer dois outros epitáfios <sup>(11)</sup>.

O primeiro reencontrámo-lo na Primavera de 1980 no telheiro do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia (n.º E 5017), onde de facto estava como prevíamos em 1971 (foto n.º 1) <sup>(12)</sup>.

A leitura de Rosa Capeans pôde ser confirmada cabalmente: o epitáfio foi mandado lavrar por um veterano da XXII Legião Primigénia Pia Fiel, Q. António (ou Aprónio) Avito de seu nome, a uma Júlia (ou Júnia) Amena <sup>(13)</sup>.

O campo epigráfico foi destruído em parte — daí que tenhamos dúvida quanto ao gentílico da defunta e do dedicante; mas, na l. 1, antes do G, há de facto a parte final da hasta oblíqua duma letra que deve ser A. Não fizemos rígorosas mediações capazes de nos permitirem uma hipótese de reconstituição mais documentada. Contudo, o texto parece ter sido paginado segundo um eixo de simetria; o *ordinator* (que superintendia à disposição do texto no campo epigráfico) recorreu inteligentemente às pequenas letras (V, I e V na l. 3, E na l. 4) para emprestar ao todo maior graciosidade. Os caracteres são bem verticais, do tipo monumental quadrado: S simétrico, O perfeitamente circular, G terminando brevemente e na vertical, Q de haste oblíqua e prolongada.

Trata-se efectivamente dum veterano (antigo soldado) da XXII Legião Primigénia — em face da pedra cremos afastada a hipótese de lermos XXIII —, legião criada pelo imperador Cláudio, cujo acampamento fixo se localizou em Mogúncia;

não se conhecem particulares intervenções suas em lutas na Península Ibérica, onde existem, contudo, referências epigráfica a alguns dos seus membros, nomeadamente em Tarragona (CIL II p. 1122). A não alusão a um possível grau de parentesco entre o dedicante da inscrição e a defunta que ela memora parece documentar uma circunstância que se generalizou no Império: findo o tempo de serviço, o soldado não regressava à terra natal, criando laços de amizade e até familiares com as gentes da região onde servira. É possível que venham a encontrar-se dados acerca da estadia ou passagem desta legião pela península de Lisboa (14).

— o —

A segunda cupa publicada por Rosa Capeans (15) também já a encontramos no Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia (N.º 5229) (Foto n.º 2).

Em calcário lioz branco, mede 89 cm de comprimento e aproximadamente 56 de diâmetro na base. O soco está assinalado à esquerda, intacto; do lado direito, apenas resta um pequeno trecho. A superfície está muito gasta, as letras bastante apagadas, hoje decerto mais ainda do que ao tempo de Rosa Capeans, além de que se partiu boa porção do campo epigráfico à direita, levando algumas letras.

Lemos:

VALCIA .L(ucii) [F(ília)] / SABINA .A[NN(orum)] /  
/ XXII (viginti duo). [H(ita)] .E(st).

Aqui jaz Válcia Sabina, filha de Lúcio, de vinte e dois anos.

Altura das letras: 1.1 e 2: 5; 1.3: 4. Espaços: 1: cerca de 10; 2: 1,5; 3: 1; 4: 15 (aproximadamente).

Variantes: 1.1: VALGIA L(ucii fília) : 1.3 [...] XI [...].

O A não parece ter travessão; na 1.1, a fotografia sugere, porém, um travessão oblíquo, paralelo à perna da esquerda — inclinamo-nos mais para que se trate dum acidente da pedra. A barra do primeiro L mal se distingue, devido ao mau estado

da superfície: há mesmo a sugestão de um lambda, que não acatamos simplesmente porque o outro L dessa linha não parece grafado assim. O C é, ao invés, muito claro. O I coincide com um veio do calcário, o A seguinte mal se destaca. O espaço que falta à direita justifica a reconstituição do F.

Na 1. 2, só o B e o N estão pouco nítidos: e há efectivamente espaço para os dois NN.

Na 1. 3, cremos ver na pedra indícios dum primeiro X e o segundo I está distinto no seguimento do veio que também atingiu o B da linha anterior. Da fórmula final só se nota o S, mas não vemos dificuldade em admitir a sua existência na totalidade.

Considerando *Valcia* uma variante fonética de *Valgia*, mantém-se o que referíamos em 1971 quanto à raridade desse gentílico. Efectivamente, de então para cá só conhecemos outro exemplo peninsular, de Idanha-a-Velha: uma *Valgia Flacilla*, a quem Marcos Alacário Céler Paulino, natural de Conimbriga, erige um monumento <sup>(16)</sup>. Esta circunstância, aliada ao facto — já assinalado pelos autores de *Fouilles de Conimbriga II* (p. 57) — de ter existido um cônsul *C. Valgius Rufus*, continua a sugerir para este gentílico uma origem itálica <sup>(17)</sup>, hipótese reforçada pelo cognome *Sabina*, que — apesar das óbvias restrições a este raciocínio — pode estar aqui utilizado no seu significado étnico primordial, relacionável portanto com os Sabinos, povo também ele localizado na Península Itálica. Dizendo por outras palavras: a *Válcia Sabina* memorada em Caparide poderá pertencer ao grupo de pessoas que, vindas de Itália, se estabeleceram nestas paragens como colonos nos começos do Império.

— o —

Em finais de 1979, recolheu um dos signatários (G. C.) outros dois monumentos, a cerca de 300 metros para nordeste da povoação, no cimo duma pequena elevação de terreno onde existe um moinho em ruínas. O primeiro, junto à parede sul do moinho, integrado num muro de divisão de propriedade, estava

voltado de topo, mutilado em cima, bem conservado na parte inferior, enterrada. O segundo, no mesmo muro, mais a sul, não tinha já um dos topos mas o outro conservava ainda parte da inscrição.

Metidas na ombreira da porta do moinho, duas pedras rectangulares de mármore rosa: lápides? mós? A 50 metros dele, do lado nascente, foi localizado um grande bloco de calcário lioz — semelhante ao das cupas — no meio dum terreno rectangular, cujos muros são aparelhados com pedras demasiadamente regulares para o que é costume na área. No terreno contíguo, do lado sul, encontraram-se alguns fragmentos de telhas (*imbrices?*).

O primeiro monumento (Foto n.º 3) é o fragmento duma cupa em calcário lioz, com muita pátina; há vestígios do debrum assinalando o soco em baixo; nenhum dos topos subsiste, pelo que desconhecemos mesmo se chegou a ter inscrição. Mede 43 cm de comprimento e 47 de diâmetro.

O segundo monumento (Foto n.º 4) é também um fragmento, mas mais completo, apesar de muito deteriorado, conservando parte do topo que continha a inscrição. Mede 57 cm de comprimento e cerca de 45 cm de diâmetro. O campo epigráfico tem, actualmente, 24,5×32 cm de dimensões máximas.

Lê-se:

[IV]NIA [...F(*ilia*)] / [FV]NDANA / [AN]N(*orum*) .  
XVIII (*undeviginti*) . H(*ic*) [.S(*ita*) . E(*st*)]

Aqui jaz Júnia Fundana, filha de..., de dezanove anos.

Altura das letras: 5. Espaços: 1: ?; 2 e 3: 1; 4: 8, 5.

A reconstituição das duas primeiras linhas parece não oferecer dúvidas. O espaço justifica, na l. 1, a leitura IVNIA, a que se devia seguir a indicação da filiação. Aliás, o gentílico *Iunius*, se bem que ainda não documentado em Cascais (a não ser que a lápide do veterano o inclua) e não muito frequente na área do município romano olisiponense (<sup>18</sup>), é, porém, vulgar na Península Ibérica (ILER p. 708-9). Temos, pois, mais uma família a juntar às já documentadas com segurança no concelho ao tempo dos Romanos: *Iulia*, *Laberia*, *Maria* e *Valgia*.

A linha 2 também se nos afigura clara: a fractura levou as duas primeiras letras e a haste vertical esquerda do N; o D, apesar das mossas, reconstitui-se bem, assim como o A. É a linha que nos permite, de resto, verificar que se trata de caracteres em capital monumental quadrada, bem verticais, A barrado, gravura em bisel, vértices sublinhados com cuidado. O cognome latino *Fundanus* não está muito representado no mundo romano: os seus testemunhos não atingem a meia centena, registando-se sobretudo na África, identificando mulheres, como aqui (19); no território actualmente português parece ter sido bastante usado na área de Alcácer do Sal (20). Em face destas observações, poderíamos pensar que Júnia Fundana representa um estrato populacional não autóctone, eventualmente relacionado com o Norte de África.

Do ponto de vista histórico, são efectivamente as duas primeiras linhas que importam sobremaneira, pois na l. 3 apenas está indicada a idade com que Fundana faleceu e a habitual fórmula funerária *aqui jaz*. É que, de facto, a reconstituição do numeral da idade pode pôr problemas: a haste vertical, de que se vê a metade superior, será dum N ou dum L. Sabendo, porém, que as idades propectas são bastas vezes arredondadas por múltiplos de cinco (21), preferimos, embora dubitativamente, a reconstituição que damos. A seguir ao último I há um ponto de separação nítido, distinguindo-se em seguida a metade esquerda do H.

O epitáfio — que pelo tipo de letra e pelo formulário datamos do séc. I da nossa era — apresentaria, pois, uma estrutura muito semelhante ao de Válcia Sabina, de que atrás falámos: identificação da defunta, idade e fórmula funerária simples.

— o —

Em face do exposto, uma conclusão se impõe: quer pela origem etimológica do seu nome quer pelos abundantes vestígios epigráficos que já proporcionou (mesmo sem se ter procedido a uma pesquisa arqueológica sistemática) — Caparide

parece ter concitado as preferências dos Romanos nos primeiros dois séculos da nossa era. O seu clima, a fertilidade dos seus campos (então decerto mais irrigados que hoje), devem incluir-se entre os factores dessa preferência.

Por conseguinte, compete-nos vigiar — para que a incúria ou a distração dos homens do séc. XX não destruam outros importantes vestígios que venham a detectar-se e que fazem parte do património comum.

Cascais, Abril 1981.

#### NOTAS

- (1) *Toponímia do concelho de Cascais*, Cascais 1964 p. 26.
- (2) J. Cardim Ribeiro conseguiu reunir quarenta («O Arqueólogo Português» série III VII-IX 1974-7 nota 80 p. 313).
- (3) FONTES (Joaquim), *Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas*, 3.ª edição, Sintra 1975, n.º XXV.
- (4) Cfr. ENCARNAÇÃO (José d'), *Sociedade Romana e Epigrafia*, Setúbal 1980 p. 31-32.
- (5) Ver alusão bastante completa às diversas designações no citado artigo de J. Cardim Ribeiro, nota 34 p. 306-308.
- (6) Ver uma síntese da questão, por exemplo, no artigo de Georges FABRE na «*Révue des Études Anciennes*» LXXV 1973 p. 114.
- (7) ENCARNAÇÃO (José d'), *Sociedade...* p. 32.
- (8) *Sepulturas romanas de Caparide*, «O Arqueólogo Português» I 1895 p. 248-250. Ver também ENCARNAÇÃO (José Manuel dos Santos), *Notas sobre alguns vestígios romanos no concelho de Cascais*, Estoril 1968 p. 11-12.
- (9) ENCARNAÇÃO (José d'), *Inscrições romanas de Cascais*, «Museu-Biblioteca do Conde de Castro Guimarães — Boletim n.º 2» 1971, inscrição n.º 2, p. 93-94.
- (10) *Duas campas lusitano-romanas de Caparide*, «O Arqueólogo Português» XXX 1956 p. 210-216.
- (11) Ver também ENCARNAÇÃO (José M. S.), *Notas...* 1968 p. 11-12.
- (12) ENCARNAÇÃO 1971 p. 102.
- (13) J. VIVES, *Inscripciones Latinas de la España Romana* (= ILER), Barcelona 1971 n.º 6387.
- (14) A análise onomástica e todas as implicações deste raciocínio levar-nos-iam longe e afastavam-nos, decerto, do objectivo deste trabalho.
- (15) ILER 2523; ENCARNAÇÃO 1971 inscrição n.º 8 p. 104-105.



- (16) ILER 5304. *Fouilles de Conimbriga II* Paris 1976 n.º 29 p. 56-7.
- (17) Nem W. SCHULZE, *Zur Geschichte Lateinischer Eigennamen*, Berlin 1966, inclui este nome na sua extensa lista.
- (18) Sintomaticamente, Cardim Ribeiro, que conhece a zona do ponto de vista epigráfico, nem sequer aponta se *Iunia* como hipótese a considerar num epitáfio de que apenas se lê ...*ia* (art. cit. p. 287).
- (19) KAJANTO (Iiro), *The Latin Cognomina*, Helsínquia 1965 p. 182.
- (20) CIL II 38 e 39. Assinalámo-lo (J. d'E.) em recente conferência, feita na Associação dos Arqueólogos Portugueses, a 29 de Janeiro de 1981, intitulada «Salacia, Urbs Imperatoria».
- (21) Cfr. CLAUSS (M.), *Les problèmes de la statistique de l'âge d'après les inscriptions funéraires romaines*, «Antiquités Africaines» IX 1975 p. 109-110.

21

22

